

ONDE ENCONTRO  
A AULA

GRAVADA



## Ensino, flexibilização e resiliência: reflexões sobre docência em tempos de pandemia

## Teaching, flexibility and resilience: reflections on teaching in times of pandemic

Isabel Orestes Silveira<sup>1</sup>

Glaucia Davino<sup>2</sup>

Pelópidas Cypriano de Oliveira<sup>3</sup>

---

1. Doutora em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, Mestre em Artes Visuais, pelo Instituto de Artes da UNESP. Docente da UPM, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Arte e História da Cultura. Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM. Líder do grupo de pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia (Mackenzie/SP). E-mail: isabel.silveira@unesp.com.br. ORCID: 0000-0001-5825-3084.

2. Doutora em Ciências da Comunicação - USP. Mestre em Artes - USP e Bacharel em Comunicação Social-Cinema - USP. Docente no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar “Educação, Arte e História da Cultura”, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder do Grupo de Pesquisa NAV - Núcleo Audiovisual. Pós-doutoranda no Instituto de Artes da UNESP. E-mail: glau.dav@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0521-2948.

3. Cineasta. Bacharel em Comunicação Social/Cinema pela Escola de Comunicações e Artes/ECA-USP, Mestre e Doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor adjunto (livre-docente) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: pelopidas.cypriano@unesp.br. ORCID: 0000-0002-5638-3253.

## Resumo |

O objetivo deste artigo, fruto do diálogo de três professores universitários que ministram aulas voltadas aos campos das artes visuais e das mídias digitais, é propor uma reflexão sobre a realidade complexa que envolve o momento atual. Ao levar-se em conta o fenômeno de crise mundial provocada pelo Coronavírus, percebe-se que o contexto de ensino aprendizagem exigiu uma nova modalidade de ensino, o remoto, que desestabilizou os modos de agir e proporcionou repensar sobre a didática utilizada em ambientes virtuais para alunos do ensino superior. A abordagem metodológica adotada é de natureza qualitativa, com interesse de destacar a obra “Aquele que diz sim”/ “Aquele que diz não” (1929/30), de Bertolt Brecht. Derivam da interpretação da peça duas ações: uma análise sobre o ensino e uma ação prática autoral, um experimento verbo-visual realizado por meio das mídias digitais, pela manipulação tecnológica dos algoritmos. Dialoga-se com o teatro e a educação, considerando pressupostos de Dewey (1979), Nóvoa (1992) e Libâneo (1994), dentre outros. O argumento teórico acolhe a escuta dos alunos, em respostas recolhidas no segundo semestre, por meio do Fórum digital. Koudela (1984) também é empregada para tecer considerações sobre as peças didáticas de Brecht e o processo educativo. A resignificação da mensagem didática da peça original possibilita uma nova concepção do texto original, reinterpretado através de um produto visual, que pode ser lido e apreciado.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem. Incertezas. Estética. Imagem. Cultura digital.

## Abstract |

The purpose of this article, the result of the dialogue of three university professors who teach classes aimed at the universe of visual arts and digital media, is to propose a reflection on the complex reality that surrounds the current moment. That is, when taking into account the phenomenon of world crisis caused by the Coronavirus, it is clear that the teaching-learning context demanded a new teaching modality, the remote one; which destabilized the ways of acting and provided a rethink about the didactics that would be used in virtual environments for higher education students. The methodological approaches is of a qualitative nature, because it is interesting to highlight the work *He who says yes/He who says no* (1929/30), by Bertolt Brecht. Through the interpretation of the play, two actions were possible: an analysis related to teaching, and another practical authorial action that resulted in a visual verb experiment, done through digital media, by the technological manipulation of the algorithms. There is a dialogue with theater and education, considering some assumptions of Dewey (1979), Nóvoa (1992), Libâneo (1994) among others. The theoretical argument welcomed the students' listening, from answers collected in the second semester, through the digital Forum. Koudela (1984) is also employed, to consider Brecht's didactic pieces and the educational process. The reframing of the didactic message of the original piece allows a new conception of the original text, reinterpreted through a visual product, which can be read and appreciated.

**Keywords:** Teaching-learning. Uncertainties. Aesthetics. Image. Digital culture.



## Introdução

O mundo tem vivenciado as incertezas da pandemia vigente, pois a fácil contaminação pelo Coronavírus (Sars-Cov-2) aproxima a todos, sem distinção, da realidade do sofrimento, da iminência da morte e da perda de entes queridos (entre um número significativo de pessoas que deixarão de viver, em todo o globo terrestre). A consciência das ações necessárias para a sobrevivência foi despertada e, apesar de resistências quanto às medidas de distanciamento social, tem havido mobilizações para que a adaptação ocorra, desde o âmbito mais íntimo, dentro dos lares, às grandes ações das ciências. Nesse conjunto global, a vulnerabilidade dos menos desfavorecidos acentua-se, e o bem-social é substituído pelos interesses políticos.

Sem a pretensão de aprofundar assuntos que merecem maior investigação, o recorte aqui proposto é pensar o isolamento social e as novas formas de contato, de trocas, de comunicação e de trabalho que atingiram professores e alunos, quando o modo de ensinar abrigou-se nos espaços virtuais.

Este artigo nasce da curiosidade sensível de três professores do ensino superior que passaram a ministrar suas aulas voltadas às arte e mídia de forma remota, com o objetivo de refletir sobre a realidade do ensino aprendizagem, levando-se em conta os aspectos subjetivos que envolvem este processo, durante o período específico de isolamento social. A esses três professores, juntam-se diferentes vozes dos sessenta alunos participantes das aulas, aqui evocados por seis participantes, que evidenciam as subjetividades dos alunos e a importância da reflexão crítica dos discentes sobre a vivência social neste novo contexto.

A proposta do artigo é voltar-se primeiramente para o texto teatral escrito em 1929 por Bertolt Brecht (1898-1956), “Aquele que diz

sim e Aquele que diz não”, porém com certa “liberdade poética”, a fim de verificar como este atualiza-se, no estabelecimento de relações entre a peça didática e a práxis pedagógica atual. Em um segundo momento, aceitar-se o desafio proposto para esse número da Revista Rebento, de registrar e discutir “[...] os impasses do presente momento na História da humanidade”. Portanto, nos apontamentos finais do artigo, o leitor encontrará um modo diferente de reler Brecht. Trata-se de inserir a peça em programas digitais e, por meio de algoritmos, que os devolvem em novo formato, possibilitar ao leitor ver/ler o texto original, tornar-se um produto que resulta em um texto de estética digital, verbo visual.

São três professores, três atores e três personagens, como minúsculos pontos do universo pandêmico mundial, traçando expressões provocativas de suas práticas. Seja quanto às relações com os alunos e aos materiais utilizados (digitais ou não); seja quanto aos referenciais teóricos, artísticos e práticos e aos métodos de disseminação e troca de conteúdos, os três professores defrontaram-se com mudanças em curso no instante em que precisavam executar seu trabalho. Protótipos de aulas; esquemas de produção nas artes, nas mídias; planejamentos e entregas específicas relacionadas à prática docente, antes esquematizadas e consolidadas pelos muitos anos de prática escolar, passaram de um instante para outro a fazer parte do passado.

Transformações, aprendizados e novos costumes tomaram conta do mundo, não de maneira pacífica, única ou linear. As convicções e as incertezas diversificaram-se, multiplicando o sentimento de insegurança, enquanto esvanecia-se toda possibilidade de planejamento. Em poucas semanas, as emergências impuseram um contínuo de incertezas e uma premência por novos aprendizados, nas abordagens e formas de exercer a atividade laboral. Mesmo não sabendo sobre os desdobramentos desse período, como alternativa percebeu-se o apoio coletivo e a colaboração. Muitos alunos ensinaram seus professores sobre os procedimentos técnicos em plataforma digitais, para que houvesse domínio das

ferramentas disponíveis na internet para as aulas remotas. Professor e aluno aprendiam e ensinavam. No que diz respeito ao âmbito acadêmico, tornou-se imanente essa antiga formulação sobre o aprendizado humano: quem ensina quem?

Neste texto, parte-se da hipótese de que na prática social, tanto no exercício laboral do professor, como na experiência do jovem aluno, experimentam-se incertezas e imprevisibilidades que, por vezes, podem nos paralisar; posto que demandam a reformulação de rotas e novos esforços de compreensão da realidade. Muitas vezes, diante da necessidade de tomada de decisão ou da busca por soluções para problemas complexos, inexistente uma única resposta. O “sim” ou “não”, impetrados por regras, hábitos ou sistemas institucionalizados, tornam-se esvaziados de sentido. Esgotam-se as possibilidades de expressões rígidas, pois em um contexto como o atual, não é mais suficiente a dualidade.

Para servir de metáfora sobre o ponto de vista que adotamos, tomamos de empréstimo o texto teatral escrito em 1929 por Bertolt Brecht (1898-1956), “Aquele que diz sim e Aquele que diz não”. A narrativa apresenta uma história que se desdobra na possibilidade de dois desfechos distintos; dois destinos que dependem do dizer sim ou dizer não diante de uma situação limítrofe, que desafia costumes sociais e, principalmente, normas estabelecidas. O texto, que se situa na produção do teatro épico dialético, instiga-nos a pensar de forma crítica sobre a sociedade, despertando o espectador/leitor a investigar as relações histórico-sociais pré-estabelecidas.

As confluências dessa obra são múltiplas, mas destacamos as questões referentes à docência, em que o professor tem um papel mediador sobre as decisões intrínsecas à história. A figura conjuga-se à postura pedagógica a que Brecht se propunha, em que o palco passa a ser um lugar de reflexão e aprendizado, útil nas áreas artísticas. É o que mostra Ingrid Koudela (1984), que aproxima Brecht às contribuições de outros autores da pedagogia no teatro, e engendra sua metodologia a partir dos

jogos de aprendizagem. As peças didáticas de Brecht, em especial, possibilitam o pensamento crítico reflexivo, objetivando a transformação social (Koudela, 1984) e, embora a peça *Aquele que diz sim, aquele que diz não* tenha sido escrita num contexto histórico específico, a reflexão que se propõe aqui compreende que a obra atualiza-se nos dias de hoje, revelando as relações entre os professores-pesquisadores e seus alunos, diante da realidade atual do ensino virtual.

### Sentir o sim ou sentir o não, eis a flexibilização

As personagens da trama são o Menino, a única pessoa que pode cuidar de sua própria Mãe, contaminada e doente (o pai havia falecido), o Professor, Três Estudantes e o Coro. Todos, em algum momento, terão diante de si o desafio de decidir, a partir de regras sociais estabelecidas, sobre suas próprias convicções e valores. Nas duas versões, da obra, o destino do menino depende do sim ou do não de muitas personagens, que se encontram como ele em situação limítrofe.

A distinção entre as versões torna-se mais contundente durante a viagem às montanhas, momento ápice em que as personagens enfrentam a decisão se irão cumprir as regras ou não. A segunda versão da peça recomeça a história da mesma forma que ao término da primeira versão: eles disseram sim para as regras; decisão que coloca a vida do Menino em jogo. Assim, a estrutura oferece ao público, estratégica e propositalmente (“ao modo de Brecht”), as duas experiências como se fossem simultâneas, ou seja, são duas alternativas verdadeiras e possíveis. Tendo em vista as peculiaridades estruturais da sua narrativa, a peça pode ser pensada como uma história única com dois finais, ou como duas histórias completas.

Na peça, surge uma epidemia no lugar e prepara-se uma viagem, que visa buscar a cura, pois ali não se conhece nenhum remédio para



a doença e na cidade para além das montanhas moram alguns grandes médicos. O Professor vai despedir-se do Menino e sua Mãe, antes de partir em busca de remédios e instruções. O filho, então, se propõe a seguir junto, para salvar a mãe doente.

Em um primeiro momento, a mãe doente diz “não” ao filho que quer partir em busca de cura. O garoto insiste e diz “sim”, pois quer acompanhar o professor e os seus amigos. O Professor diz não; afinal, a viagem é perigosa. O Menino, reflexivo, questiona o antigo costume sobre não levar crianças em caminhadas perigosas. Diante da insistência dele, o Professor diz ‘sim’.

Nas duas versões da peça, a Mãe faz a mesma pergunta, e o Professor dá a mesma resposta, embora haja uma pequena diferença nos propósitos de cada viagem até as montanhas (na segunda versão, trata-se não mais da epidemia, mas dos estudos do professor):

A MÃE – Uma caravana de socorro nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR – Numa viagem como esta não se levam crianças. (BRECHT, 2004, p. 218).

Na primeira situação, a Mãe expressa estar de acordo, pois o propósito seria nobre para todos e útil, especialmente, para a situação dela. Na segunda situação, A MÃE também expressa estar de acordo, ao preferir frase exclamativa para propósito menos “grave”:

A MÃE – Uma viagem de estudos nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR – Numa viagem como esta não se levam crianças. (BRECHT, 2004, p. 226).

Assim como faz a Mãe, algumas vezes, nossas afirmações também expressam estar de acordo, mas um acordo em estado de anestesia. Essa falta de criticidade pode ser causada pelo choque emocional, diante de uma situação extrema, como na epidemia mencionada no texto (na primeira versão). Já na segunda versão de Brecht, a causa (crônica) dessa “insensibilidade” é a endemia de estarmos de acordo, sem refletirmos sensivelmente.

O PROFESSOR, para apresentar-se, assim como à situação de epidemia (e a cena que virá a seguir), utiliza os verbos *ser*, *ter* e *estar*.

O PROFESSOR – Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles para me despedir, porque estou de partida para uma viagem às montanhas. É que surgiu uma epidemia entre nós, e na cidade, além das montanhas, moram alguns grandes médicos (BRECHT, 2004, p. 217, grifo nosso).

O verbo *ser* confere permanência, ou seja, o Professor mantém-se o tempo todo no exercício de seu ofício, evidenciando a posse dessa identidade e das capacidades ou habilidades a ela inerentes. Embora o uso mais coloquial em sua auto-apresentação seja o verbo *ser*, alternativamente (ao menos em português), o Professor poderia empregar os verbos *ter* ou *estar*: eu tenho o cargo de professor; eu *estou* trabalhando como professor.

A seguir, o PROFESSOR utiliza o verbo *ter* para expressar sua autoridade, ou a posse de um domínio sobre a escola e o aluno, cujo pai morreu; expressa, também conforme seu entendimento de responsabilidade (e de vínculo), as únicas posses do aluno: a mãe e a casa.

Adiante, na primeira versão da história, quando da impossibilidade do Menino prosseguir porque também adoece, surge a crise: era

costume lançar ao precipício o corpo ainda vivo daquele que não conseguisse acompanhar a viagem. Voltar para a aldeia e desistir da viagem seria humilhante; e humilhante, também, levar o mais fraco de volta. Por isso, o dizer “sim” prevalece. O Menino é assassinado, em nome da cultura local e de suas normas.

Na segunda versão, entretanto, quando o contexto não apresenta mais uma pandemia, Brecht propõe um desfecho diferente. O Menino opõe-se à tradição, ao não consentir em ser jogado no vale: se num primeiro momento havia consentido, volta atrás e diz não. Não quer morrer. Quando questionado pelos estudantes, responde:

[...] A resposta que eu dei foi falsa, mas a sua pergunta, mais falsa ainda. Aquele que diz a, não tem que dizer b. Ele também pode reconhecer que a é falso. Eu queria buscar remédio para minha mãe, mas agora eu também fiquei doente, e, assim, isto não é mais possível, e diante desta nova situação, quero voltar imediatamente. E eu peço a vocês que também voltem e me levem para casa, seus estudos podem muito bem esperar. E se há alguma coisa a aprender lá, o que eu espero, só poderia ser que, em nossa situação, nós temos que voltar. E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume de refletir novamente diante de cada nova situação.

OS TRÊS ESTUDANTES ao professor – O que fazer? O que o menino disse não é nada heroico, mas faz sentido. (BRECHT, 2004, p. 231).

Diante da fraqueza do Menino, e apesar da crise das personagens em obedecer ou não às normas e à tradição, todos optam pelo “não”. Assim, o menino doente é poupado, e volta à vila nos braços do Professor e dos amigos, apesar da humilhação que lhes estaria destinada.

## O palco do (novo normal)

No palco do “novo normal” proporcionado pela pandemia da Covid-19, a peça *Aquele que diz Sim, Aquele que diz Não* inspira uma reflexão

sobre o jogo entre nossos pensamentos e sentimentos. Aqui, nos focamos, por associação e empatia, no universo acadêmico no presente contexto de alteração intensa das nossas certezas; o que provoca questionamentos sobre nossas posturas: diante da pandemia, o que estamos fazendo? O que estamos sentindo? O que estamos pensando? Como estar de acordo? O que se aprende e o que se ensina? Quem aprende e quem ensina quem?

Sem uma resposta única, tais indagações possibilitam estabelecer com a peça algumas associações, de natureza subjetiva. Pensado na pesquisa discente e na docência como construção coletiva, nos identificamos com as personagens. Mais do que nunca, em nossa época de incertezas, as expectativas são de flexibilidade diante dos costumes. Três estudantes perguntam ao professor, quando o menino questiona os costumes:

OS TRÊS ESTUDANTES – Não é vergonha ele falar a favor de si próprio? (BRECHT, 2004, p. 231).

A que ele responde, adiante: “O PROFESSOR – Não. Eu não vejo nisso nenhuma vergonha.” (BRECHT, 2004, p. 232).

O Professor, com sua resposta, ensina na medida certa a lição: o mais importante de tudo é estar de acordo (e não apenas o “sim”, ou o “não”). Talvez, em algum sentido, estar de acordo possa ser associado ao coração. Por isso, a necessidade da didática da escuta, da pedagogia “encharcada de amor” (FREIRE, 1978). Essa pode ser uma visão de futuro: época de RESILIÊNCIA à frente!

## Resiliência e reflexões sobre docência

O que é possível aprender com essa peça teatral?

Com a peça, pode-se aprender sobre afeto, determinação e força de vontade; mas, principalmente, uma verdade maior: precisamos todos de um novo e grande costume, nas palavras do texto: “[...] refletir novamente diante de cada nova situação” (BRECHT, 1929, p.231). Todavia, o ato de refletir já não deveria ser um grande costume antigo? No meio pedagógico, é importante o discurso sobre o professor reflexivo, que deve constantemente pensar o trabalho docente, isto é, que entende o ensino-aprendizagem sob a ótica de uma atitude reflexiva. Para Dewey (1979), esse pensar significa “[...] o esforço intencional para descobrir as relações específicas entre uma coisa que fazemos e a consequência que resulta, modo de haver continuidade entre ambas” (DEWEY, 1979, p. 158).

A protagonista da peça é uma criança, um aluno. O que se aprende com o Menino na fábula brechtiana diz também respeito à necessidade dessa reflexão crítica, que resulta na capacidade de voltar o olhar sobre si mesmo e sobre as convenções. Essa conclusão, descrita na fábula, serve de analogia para pensarmos o contexto de ensino e aprendizagem que vivemos hoje. No contexto da pandemia, especialmente no Brasil, em que chegamos, no mês de dezembro, ao total de 180.453 (G1, 2020, s/p.) óbitos, a ação baseada na reflexão ganha destaque.

Com o início da pandemia, a experiência da vida precisou de um tempo de pausa, em sua brusca descontinuidade. As condições exigiram um olhar, um movimento particular para refletirmos sobre os acontecimentos, as emoções e as tomadas de decisão, diante da necessidade de adaptação. Comentando a “pedagogia” do vírus, Boaventura de Sousa Santos (2020) destaca o desafio da atitude reflexiva em situações como a nossa:



A pandemia confere à realidade uma liberdade caótica, e qualquer tentativa de a aprisionar analiticamente está condenada ao fracasso, dado que a realidade vai sempre adiante do que pensamos ou sentimos sobre ela. Teorizar ou escrever sobre ela é pôr as nossas categorias e a nossa linguagem à beira do abismo (SANTOS, 2020, p. 13).

Então, o que se quer é atirar ao abismo categorias dogmáticas e paradigmas.

Já no mês de agosto, na tentativa de ouvir os e as estudantes e considerar seus anseios e preocupações no contexto virtual de ensino, que se vislumbrava mais e mais fortemente, fizemos uma enquete, endereçada aos sessenta jovens universitários que retornavam às aulas virtuais para o segundo semestre de 2020, perguntando: como foi sua experiência de aprendizado, no primeiro semestre, em meio ao desafio imposto pelo distanciamento social provocado pelo Coronavírus? Queríamos saber se conseguiam enxergar oportunidades na experiência inédita que estávamos vivenciando. Sim ou não, e por quê?

Ouvir os alunos supõe uma atitude proativa e o esforço de caminhar juntos com eles, apreendendo enquanto ensinamos. Ouvi-los exige repensar estratégias de intervenção objetivando um crescimento coletivo. Professor e aluno, ambos buscando conhecimento para soluções de problemas. Essa atitude é fundamental para Libâneo (1994), quando argumenta que os alunos devem ser estimulados a constituírem-se como sujeitos pensantes e críticos, capazes de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, diante de dilemas e problemas da vida prática.

Várias foram as respostas dos alunos. Mas, sendo curto este espaço, cabe compartilhar apenas algumas delas, compreendendo os sentimentos dos atores envolvidos, assim como suas tomadas de decisão. Em algumas vozes, observa-se o desânimo, ao passo que em outras, maior ânimo.

Algumas expressam, ainda, a esperança renovada<sup>1</sup>.

Minha experiência foi bem difícil, pois perdi meu emprego; me afastei dos amigos, namorados e familiares; fiquei desolada e sem saber o que iria fazer. Confesso que nos primeiros meses, não via nada de bom; comecei a ficar um pouco depressiva e sem nenhuma expectativa. Mas no último mês para cá, estou tentando enxergar essas novas oportunidades, e me ocupar mais, fazendo cursos online e me especializando em algo que gosto. Passei a mexer com coisas manuais, artesanatos e programas de edição de imagem e vídeos, e a partir disso sigo tentando ver as coisas boas que há no meio dessa fase ruim (Participante 1, 2020, s/p.).

Na amostragem colhida, os alunos e alunas apontam a necessidade da pausa para reflexão como possibilidade de mudança. Voltar o olhar para às respostas desses vários alunos nos aproxima do menino de Brecht: talvez, sejam vozes como a do menino da história, orientando-nos para que não os lancemos ao precipício. Talvez, sejam apelos para retomarmos juntos o caminho de volta à casa, e redescobrirmos acertos e erros, na busca por uma reconstrução metodológica, que acaricie a alma e que não atenda apenas à razão.

Eles também nos alertam sobre a necessidade de um voltar-se para si, propondo-nos um olhar para dentro, quando descrevem: “O período de isolamento está dando uma oportunidade de enxergar as coisas e a nós mesmos de uma forma diferente, um tempo de redescobrir quem somos.” (Participante 2, 2020, s/p.). Outro aluno manifesta o mesmo movimento de transformação pessoal:

---

1. Mantemos os nomes das e dos participantes preservados, empregando suas falas como exemplares de posições possíveis neste contexto.

Meu maior aprendizado foi e continua sendo olhar para dentro de mim mesma. Durante a rotina que estamos acostumados, acabamos deixando de lado o modo como cuidamos da nossa alimentação, corpo e mente, muitas vezes vivendo um modo automático. Esse período nos deu a oportunidade de repensar com carinho como tratamos nós mesmos, e o resto do mundo (Participante 3, 2020, s/p.).

Nas vozes dos alunos, talvez, estejam o gatilho que movimenta a transformação e a ruptura com o sistema e as propostas de inovação. À semelhança da postura empática do Menino de Brecht, que deseja sair para buscar a solução para a doença que abate a vila, os alunos de hoje expressam uma atitude solidária, ao dizer:

Existem realidades completamente diferentes e, ao mesmo tempo que estamos todos na mesma “tempestade”, muitos têm seus privilégios e conseguem lidar com a pandemia de uma forma mais leve, enquanto outros não possuem nenhuma estrutura e nem acesso ao básico para poder viver em segurança. É importante ter essa reflexão, reconhecer suas posições e privilégios, e aproveitar esse momento para cuidar do outro, do próximo, que seja sua família, amigo, conhecido, ou até pessoas que nunca sequer viu na vida. Oportunidade de encontrar meios de ajudar aqueles que precisam (Participante 4, 2020, s/p.).

É o que outro aluno também alega, veementemente, quando resume: “Acho errado pensar em oportunidades numa época em que está ocorrendo mais de 1000 mortes por dia e pessoas estão perdendo seus empregos, entre muitas outras coisas. É momento de parar e pensar em como podemos ajudar essas pessoas, e não em oportunidades de como se beneficiar no meio de uma pandemia” (Participante 5, 2020, s/p.). Um outro argumenta:

No início foi dolorido, deixar de uma hora pra outra o abraço e a proximidade. O medo chegou muitas vezes a tomar conta, medo de nunca voltar a rotina, medo de perder alguém da família e principalmente de ter que lidar com uma nova realidade... mas com os meses isso foi passando; entendi que de fato precisamos olhar por uma nova perspectiva e isso abre também uma oportunidade de ser mais empático e humano, coisas que antes eram muito superficiais. Essa fase não me ensinou só sobre os cuidados com a saúde emocional ou física, mas com o tanto que me importo com o outro e principalmente com o modo que demonstro afeto. (Participante 6, 2020, s/p.).

As respostas expressam que a alteridade deve ser o princípio articulador do diálogo e do respeito ao outro, e que o espaço pedagógico pode promover novas aprendizagens interativas. Para os professores facilitadores e mediadores, a lição que fica é a reflexão sobre uma prática docente que prioriza a participação dos alunos na busca pelo conhecimento. São falas como essas que nos relembram que no ato de ensinar, também aprendemos. Em suas palavras, os alunos e alunas manifestam que a crise proporciona uma ampliação sobre a visão de mundo e o modo como estamos nos relacionando. Talvez, a pandemia tenha mobilizado novos modelos interativos, experiências e compartilhamentos de uma cultura mais respeitosa. Talvez, o que se possa reaprender com tais relatos esteja na crítica sobre o nosso agir humano.

Para o menino de Brecht, acumular conhecimentos teóricos deixa de ser significativo. O paradigma que precisou ser superado recai no modo de ver a vida de maneira mecanicista. Na segunda versão da história, é superada essa “racionalidade técnica”, isto é, a supervalorização da teoria, que desqualifica todas as outras formas de aprender.

De igual modo, na experiência laboral atual dos e das professores, talvez, já não caiba o descompasso da escola com o entorno, com o mundo. Talvez a pergunta “quem ensina quem?” já nem faça mais sentido, diante da necessidade de uma religação entre professor e aluno. Por parte do professor, ao promover espaço para reflexão crítica do aluno,

ambos aprendem e ensinam. Assim resume Paulo Freire:

Não há docências sem discência; é preciso que, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao form-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado (FREIRE, 1996, p. 25).

Talvez, e só talvez, esse possa ser o novo paradigma que aprendemos com Brecht, e que deve ocupar o centro da peça teatral da vida. Docente e discentes! Reflexão e resiliência!

## Brecht devorado pelos algoritmos na escritura expandida

Em nossa instituição de ensino superior, o processo educacional não foi interrompido e poucos se opuseram a adotar os recursos já existentes, para que as atividades de ensino-aprendizado continuassem a pulsar. Com certeza, não sem medo do desconhecido, do susto diante de algo sem prazo para se encerrar; mas também sem deixar de reivindicar a manutenção da excelência de cada atividade.

Por “ironia do destino”, o início do isolamento social ocorreu quando era ministrada de forma presencial a disciplina Humanidades Digitais, uma optativa do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura. A disciplina, como o título indica, trata justamente de um tema cuja definição (assim como suas realizações e alcance), maleável e emergente<sup>2</sup>, vai se construindo e consolidando interdisciplinarmente, sob os auspícios das Humanidades<sup>3</sup> e das Ciências Compu-

---

2. Nas referências do curso, foram empregados os estudos de Alvez (2016), Barttscherer (2011), Berry (2011), Lane (2017), Rogers (2015), Schaäfer e Vanes (2017), Schreibman et al (2016) e Thatcamp (2012).

3. Grande área das Humanidades (Colégio de Humanidades, segundo a CAPES/Brasil), que abriga as Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e a Linguística, Letras



tacionais<sup>4</sup> Digitais; áreas onde se inserem a Educação/Pedagogia e as Tecnologias Digitais (KENNEDY, 2017; HIRSCH et al., 2012).

A literatura é um tipo de produção que as Humanidades Digitais tem se encarregado de acolher como objeto de estudo, tendo como suporte ferramentas digitais de análise e outras metodologias (GALE, 2019). A apreciação de uma dramaturgia, aqui sugerida, tange aos estudos literários e às ferramentas digitais de análises de textos.

O ensaio visual que se segue é resultado de um trabalho experimental, no diálogo entre mídia e arte (OLIVEIRA, 2018), com a intenção de explorar e provocar, no leitor deste texto, a exploração e provocação. Não é resultado de atividades dos alunos, nem um exemplo de arte cibernética. Esse experimento é, primeiramente, uma entrega dos autores à peça didática *Aquele Que Diz Sim/ Aquele Que Diz Não*, de Brecht, na pretensão de unir as artes textual, narrativa e dramatúrgica. Não se tem o ímpeto de ditar regras, ou construir modelos (muito menos, de dizer “sim” ou “não”); uma vez que esta exploração provocativa terá sua morada final, exatamente, no leitor; apto a interpretar os resultados do experimento à luz de suas sensibilidades e racionalidades.

Fazer é uma forma de pensar, construir, analisar e propor. A arte oferece, num *perpetuum mobile*, a possibilidade de transportar-se no tempo e de dialogar com sentimentos, vivências, informações, ações, mídias, aparatos, dispositivos etc. de cada época, para nos fazer pensar o modo como habitamos o presente. Assim, dentre outras obras e gêneros literários, consideramos o texto original de Brecht, *Der Jasager und Der Neinsager Schulopern* (traduzido para o inglês com o título *He Said Yes / He Said No* e, posteriormente, para o português), como um exemplo para um experi-

---

e Artes (FUNDAÇÃO CAPES, 2014).

4. Cabe notar que o conceito de “computacional” está relacionado à computar, ou seja, calcular; enquanto que o “digital” está relacionado especificamente com a forma de armazenamento, em números, os dígitos binários.

mento com as mídias digitais<sup>5</sup>.

Matéria prima de sua própria reescritura, a peça passou pelo processamento de mineração digital de palavras. Utilizamos apenas quatro das ferramentas de visualização, ditadas pelos algoritmos e filtros aplicados, do *Voyant*<sup>6</sup>: - Cirrus, - Link, - Nós e - Diagrama de Fluxo. A escolha das ferramentas, sua apropriação e redistribuição no espaço da página constituiu a Escrita Expandida (AZEVEDO, 2009) proposta nesse experimento.

Esse experimento é um exercício sobre um tema caro às nossas pesquisas, a narrativa dramatúrgica em sua forma escrita, ou seja, aquela que, após concebida, tem o potencial de ser trasladada para outras semióses (teatro, cinema, dança, performance, música, outras expressões mistas e complexas etc.). Rever essa obra, portanto, tangendo as peculiaridades estruturais da forma narrativa nela presente, é motivação dessa experiência. Inspira-se também nas Humanidades Digitais, tema de nossas aulas, sob o qual estávamos imersos quando as portas das escolas se fecharam e as janelas dos computadores as substituíram.

Propomos uma nova escrituração da peça, que os algoritmos de *softwares* selecionados proporcionam. O resultado que se observa são oito produções, que se aproximam do texto de Brecht. O intuito do experimento é ser apreciado, independentemente de explicações detalhadas, como um produto visual provocador (dentro dos seus limites) para ser sentido, simplesmente.

---

5. A atividade também pode ser solicitada aos alunos.

6. *Voyant Tools* é uma ferramenta digital, open source, de análise de textos online, criado no Canadá pelos professores Stéfán Sinclair (da área de Humanidades Digitais, na McGill University) e Geoffrey Rockwell (da University of Alberta e do Kule Institute for Advanced Study).

O processo seguiu a seguinte trajetória: (1) partimos da matéria-prima, o texto *Aquele que diz Sim/ Aquele que diz Não*; (2) alicerçados nos procedimentos das Humanidades Digitais, selecionamos ferramentas do *Voyant*; (3) o texto é submetido na plataforma online; (4) delas, subtraem-se automaticamente dados, a partir de filtros que escolhemos – expressões visuais; (5) esses dados imagéticos são apropriados e (6) oferecemos as leituras abaixo.

Nas Figuras 1 e 2, palavras coloridas destacam-se em escritas horizontais e verticais, em alternância com números. O contraste do tamanho tipográfico impõe profundidade às escritas menores e, por isso, a imagem dá a ilusão de planos. No primeiro plano, as palavras: “menino, professor e mãe” destacam-se. Os “estudantes” ganha o lugar que a peça original destaca – são protagonistas secundários; o que fica evidente na imagem, pelo tamanho intermediário das letras.



**Figura 1.** Escrita Expandida Cirrus - *Aquele que diz SIM*. Arquivo do autor.



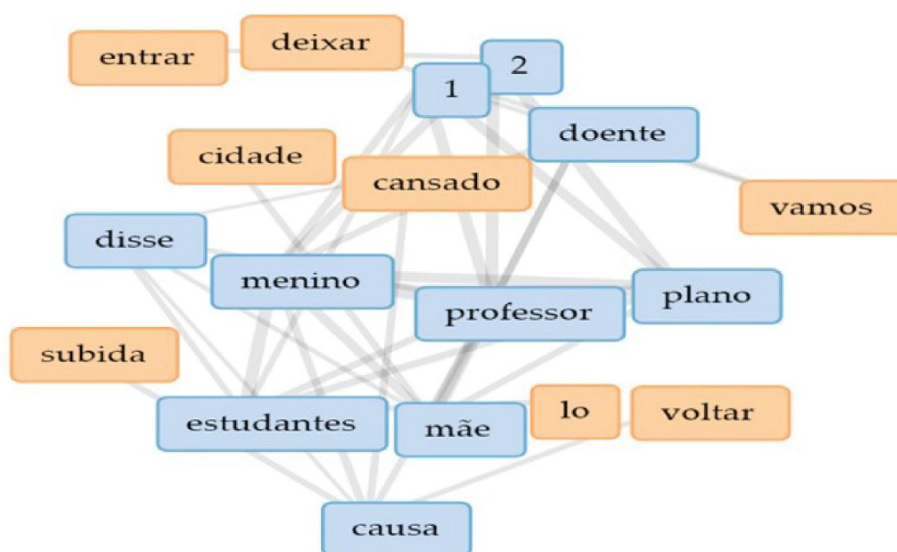


Figura 3. Escritura Expandida Link - Aquele que diz SIM. Arquivo do autor.

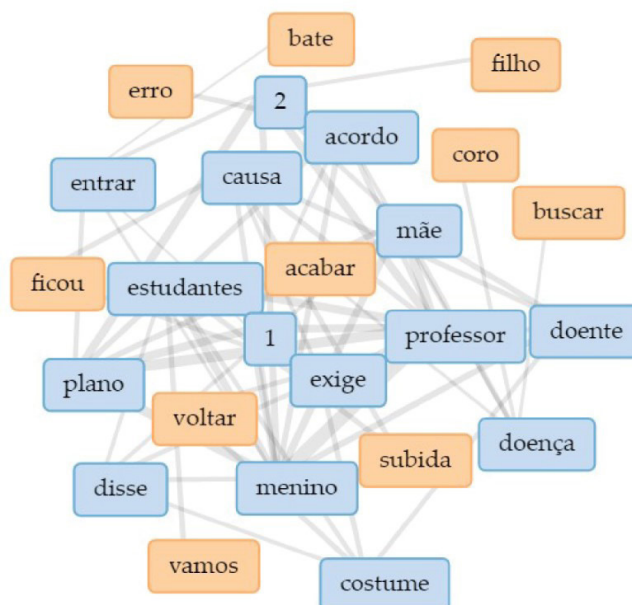
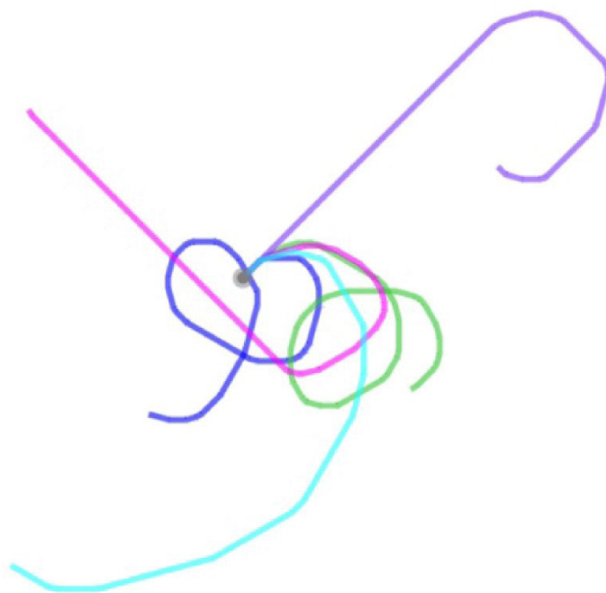
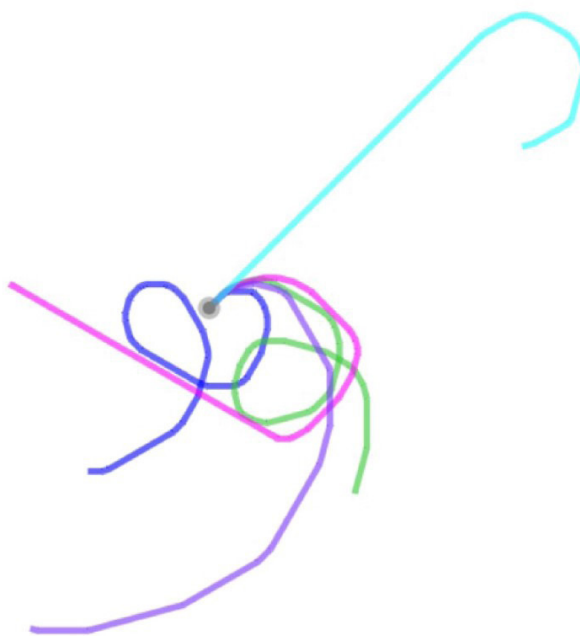


Figura 4. Escritura Expandida Link - Aquele que diz NÃO. Arquivo do autor.





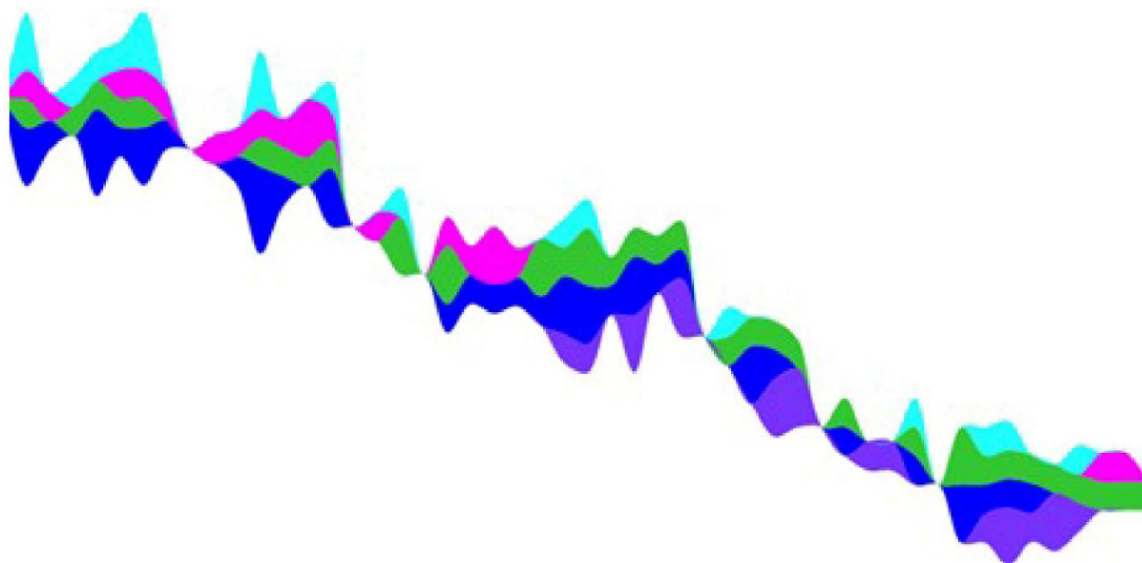
**Figura 5.** Escrita Expandida Nós - Aquele que diz SIM. Arquivo do autor.



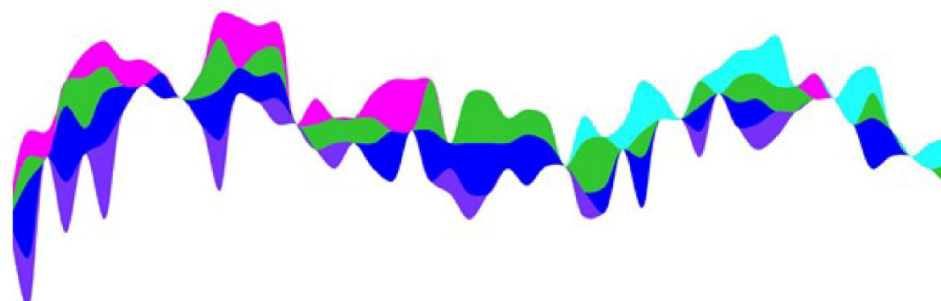
**Figura 6.** Escrita Expandida Nós - Aquele que diz NÃO. Arquivo do autor.

Os resultados do experimento das Figuras 5 e 6 evidenciam uma visualidade abstrata, em curvas que se expandem partindo de um ponto central. Na livre interpretação das imagens (lembrando que este é um outro modo de ler o texto de Brecht, e lembrando ainda o contexto da realidade pandêmica que vivenciamos), pode-se considerar que embora nossas escolhas possam desejar a redução das complexidades pela opção do sim ou do não, o que se percebe é que, verdadeiramente, a realidade é imprecisa, incerta, movediça e complexa.

Esse argumento encontra eco nas figuras 7 e 8, em que as sinuosidades das formas parecem gráficos, à semelhança dos índices estatísticos (utilizados em telejornais e ilustrações impressas) sobre a montanha russa das estatísticas de casos de infectados.



**Figura 7.** Escritura Expandida Diagrama de Fluxo - Aquele que diz SIM. Arquivo do autor.



**Figura 8.** Escritura Expandida Diagrama de Fluxo - Aquele que diz NÃO. Arquivo do autor.

## Considerações finais

Hoje, a tecnologia digital tem sido uma ferramenta que perpassa nossas atividades. Não há empresa, governo, instituição e até indivíduo que abdique da rápida captura e da organização da grande quantidade de dados para a tomada de decisão que as ferramentas digitais propiciam. É só olharmos para as estatísticas da própria pandemia: quase em tempo real, os dados atualizam-se. “Dizer sim” e “dizer não” deixou de ser unicamente decisão das pessoas; a máquina, com algoritmos precisos, poderá decidir quando iniciar ou interromper um processo. Quais seriam os algoritmos capazes de ressignificar, quebrando, confrontado e rompendo regras vigentes, que fazem parte de nossa história?

Se os seres humanos tiveram que se abrigar nos meandros da cultura digital, através dos recursos tecnológicos, para que o efeito do (nada

virtual) vírus Covid-19 fosse menos devastador, o sistema escolar de ensino também fez e continua a fazer sua parte. Ainda que nessa redoma de proteção contemporânea, o sistema escolar de ensino foi vital para que a sociedade se mantivesse ativa.

As ciências e as artes, cruzamento na qual a Artemídia se encontra, fazem parte dessa escrita, antes, durante e depois da pandemia. Tempos de flexibilização, resiliência, e de reflexões sobre docência, com Brecht sendo (à nossa semelhança) devorado pelos algoritmos.

O experimento proposto no ensaio visual aqui registrado foi um esforço para ressignificar: mudar o significado de algo que já existe; mudar o lugar na hierarquia de alguma classificação; olhar para algo conhecido e vê-lo de um outro ponto de vista. Talvez tenha sido uma tentativa de fugir de regras ou receitas já não tão satisfatórias; dar novas interpretações diante de novas realidades; ter percepção diferente de outros tempos sobre algo o que se passou, ou ainda, buscar algo de positivo em acontecimentos que consideramos negativos.

Talvez, uma tentativa de evocar uma forma ancestral que o ser humano encontrou, durante sua jornada na Terra, de dar sentido ao futuro e olhá-lo com esperança, mesmo diante de barreiras intransponíveis, dos desconfortos de uma situação, ou diante da dualidade da decisão.

Na reflexão de três professores sobre o momento atual, em que estamos vivenciando uma tragédia de grandes proporções por conta da pandemia, foi possível exercitar uma liberdade poética na interpretação da peça teatral de Bertolt Brecht, e extrair dela alguns ensinamentos. Das muitas reflexões que seriam possíveis, repensamos por meio de *Aquele que diz Sim e Aquele que diz Não* o ensino, a necessidade de flexibilização e a urgência de uma atitude resiliente.

Ainda que a peça de Brecht tenha sido escrita no contexto de sua época histórica, com a intenção de questionar os paradigmas de vida na-

quela sociedade, hoje também faz-se necessário questionar os discursos plenos de certeza, ou as visões de mundo em que se percebe a pretensão de controle. Embora nossas escolhas possam desejar a redução das complexidades, pela opção do sim ou do não, vê-se que, verdadeiramente, a realidade é imprecisa, incerta, movediça e complexa.

Há uma montanha a se percorrer, e inúmeros desafios no caminho. As personagens dessa trama podem ser todos nós. Ora somos o Menino, questionador e cheio de dúvidas. E dizemos sim; outras vezes, dizemos não. Muitas vezes, somos o Professor, consciente dos problemas, mas indeciso quanto às propostas de solução. Por vezes, concordamos com as regras; outras vezes, ousamos fazer diferente. Outras vezes, somos o Coro, quando nossa consciência grita: “O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo!”.

A escrita expandida na forma de imagens bidimensionais e estáticas, proposta na parte intitulada Brecht *devorado pelos algoritmos*, é outra forma de expressar e comunicar o texto do autor em meio ao mundo atual. O texto de Brecht e os algoritmos tomam o lugar do sujeito lírico, podendo gerar conglomerados de palavras, sinais e cores, como metáforas do sistema nada linear dos nossos tempos, num primeiro momento. Entre as espirais das linhas coloridas e no sobe e desce das curvas, as imagens tornam-se registros das emoções e da turbulência e instabilidade das jornadas de cada personagem.

A partir de nossas reflexões sobre a quebra de paradigmas, encerramos, deixando em aberto outras possibilidades interpretativas; sem esgotar o diálogo, para futuras e bem vindas discussões.



## Referências

AZEVEDO, Wilton. *Interpoesia: O início da escritura expandida*. Pós-doutorado supervisionado pelo Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Philippe Bootz. Laboratoire de Patagraph, Sorbonne, Paris, 2009.

BARTSCHERER, Thomas; COOVER, Roderick (ed.). *Switching codes: thinking through digital technology in humanities and arts*. Chicago: Chicago University Press, 2011.

BERRY, David M. (ed.). *Understanding Digital Humanities*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

BRECHT, Bertolt. "Aquele que diz sim e aquele que diz não". In: \_\_\_\_\_. *Teatro completo - v. 3*. Trad. Luiz Antônio Martinez Corrêa e Marshall Netherland. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 217-252.

DACOS, Marin. Manifesto das humanidades digitais. Trad. Hervé Théry. THATCamp, 2012. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais>. Acesso em: 10 out. 2020.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FUNDAÇÃO CAPES. "Sobre as áreas de avaliação". Terça, 01 de abril de 2014; última atualização Quarta, 03 de Julho de 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 10 out. 2020.

G1. Brasil passa de 180 mil mortes pela Covid-19; 19 estados e o DF estão com tendência de alta.

*Portal G1*. Bem estar: Coronavírus. 11/12/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/11/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-11-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GALE. "Digital humanities in action: How Academic Libraries Play a Prominent Role". *Advancing Digital Humanities on campus*. Gale, Nov. 2019. Disponível em: <https://go.aws/2WUwwZ3>. Acesso em: 29 out. 2020.

HIRSCH, Brecht et. al (eds.). *Digital Pedagogy. Practice, principles and politics*. UK and US: Open Book Publishers, 2012.

KENNEDY, Kara. A long-belated welcome: accepting digital humanities methods into non-DH classrooms. *Digital Humanities Quarterly*,

v. 11, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/11/3/000315/000315.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. Col. Estudos. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1984.

LANE, Richard. *The big humanities*. London/ New York: Routledge, Taylor & Francis, 2017.

OLIVEIRA, Pelópidas. "Leonardo e o conceito de Artemídia". In: D'AMBROSIO, Oscar. *As faces de Da Vinci*. Canal do Youtube Unesp Oficial (ACI -UNESP), vídeo, 10'38", 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SLBK7sfu\\_aY](https://www.youtube.com/watch?v=SLBK7sfu_aY). Acesso em: 10 out. 2020.

ROGERS, Richard. "Digital Methods for Web Research". *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences: An Interdisciplinary, Searchable, and Linkable Resource*, 2015. p. 1-22. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/299863827\\_Digital\\_Methods\\_for\\_Web\\_Research](https://www.researchgate.net/publication/299863827_Digital_Methods_for_Web_Research). Acesso em: 07 out. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Edições Almedina, S.A. Coimbra, 2020.

SCHÄFER, Mirko Tobias; Van Es, Karis (eds.). *The Datafied Society*. Studying culture through data. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2018.

SCHREIBMAN, Susan et al. *A new companion to Digital Humanities*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2016.

VOYANT: Ferramenta digital. Disponível em: <https://voyant-tools.org/?corpus=ec5fba180c1954ca4ca98b1455d09e60>. Acesso em: 09 nov. 2020.

Submetido em: 10/11/2020

Aceito em: 18/12/2020